**POESIA - TEORIA**

**🗸 Aspectos formais:**

**Verso**: cada linha do poema.

**Estrofe**: grupo de versos.

1. **Rima**: é a identidade ou semelhança de sons do fim dos versos.

**Amor é fogo que arde sem se ver**

(Luís Vaz de Camões)

Amor é fogo que arde sem se ver (A)

É ferida que dói e não se sente (B)

É um contentamento descontente (B)

É dor que desatina sem doer (A)

É um não querer mais que bem querer (A)

É um andar solitário por entre a gente (B)

É nunca contentar-se de contente (B)

É um cuidar que se ganha em se perder (A)

É querer estar preso por vontade (C)

É servir a quem vence o vencedor (D)

É ter lealdade com quem nos mata de verdade(C)

Mas como causar pode seu favor (C)

Nos corações humanos amizade (D)

Se tão contrário a sim é o mesmo amor (C)

**Soneto da fidelidade**

(Vinícius de Moraes)

De tudo, ao meu amor, serei atento (A)

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto (B)

Que mesmo em face do maior encanto (B)

Dele se encante mais meu pensamento (A)

Quero vivê-lo em cada vão momento (A)

E em seu louvor hei de espalhar meu canto (B)

E rir meu riso e derramar meu pranto (B)

Ao seu pesar ou seu contentamento (A)

E assim, quando mais tarde me procure (C)

Quem sabe a morte, angústia de quem vive (D)

Quem sabe a solidão, fim de quem ama (E)

Eu possa me dizer do amor (que tive) (D)

Que não seja imortal, posto que é chama (E)

Mas que seja eterno enquanto dure. (C)

As rimas se classificam em:

**Cruzadas** (ABAB)

**Intercaladas** ou **interpoladas** (ABBA)

**Paralelas** (AABB)

Note que nos sonetos apresentados, os autores seguem esquemas de rimas. Hoje, autores modernos nem sempre seguem essa característica. Aos versos sem rimas, chamamos **brancos**.

Também se diz das rimas:

**Pobre**: quando rimamos palavras de uma mesma classe gramatical. (Amor – dor)

**Rica**: quando rimamos palavras de classes gramaticais diferentes. (Mente – eternamente)

**Raras**: quando rimamos palavras com combinações de palavras. (Vê-la – estrela)

1. **Metro**: é a medida ou extensão da linha poética. As sílabas dos versos chamam-se **métricas** e nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. Veja nestes versos de Olavo Bilac, há o mesmo número de sílabas sempre:

Sin/ to o/ que es/ per/ di/ cei/ na/ ju/ ven/ **tu**/ de

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Cho/ ro/ nes/ te/ co/ me/ ço/ de/ ve/ **lhi**/ ce

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Már/ tir/ da hi/ po/ cri/ si/ a ou/ da/ vir/ **tu**/ de

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Os/ bei/ jos/ que/ não/ ti/ ve/ por/ to/ **li**/ ce

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

**Note**: Todos os versos têm dez sílabas (são versos decassílabos). A última sílaba, se átona, não é contada. O ato de dividir os versos em sílabas poéticas chama-se **escansão**. Versos sem métrica são chamados versos **livres**.

Su/ bo/ nes/ te/ **pal**/ co

1 2 3 4 5

Mi/ nha al/ ma/ chei/ ra/ **tal**/ co

1 2 3 4 5 6

Co/ mo/ bum/ bum/ de/ be/ bê/ (de/ be/ **bê**)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Mi/ nha al/ ma/ **cla**/ ra

1 2 3 4

Só/ quem/ é/ cla/ ri/ vi/ den/ te/ po/ de/ ver/ (po/ de/ **ver**)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14

Gilberto Gil

1. **Ritmo**: resulta da regular sucessão de sílabas átonas e tônicas de modo a cadenciar o verso e torná-lo melodioso.

**I-Juca Pirama**

(Gonçalves Dias)

**Canto IV**

(Fragmento)

Meu **can**to de **mor**te

Guer**rei**ros, ou**vi**

Sou **fi**lho das **sel**vas

Nas **sel**vas cres**ci**

Guer**rei**ros des**cen**do

Da **tri**bo Tu**pi**

**🗸Aspectos de conteúdo (Defeitos do poema)**

Poema sentimental e sentimentaloide:

**Quando eu morrer**

(anônimo)

Quando eu morrer

Quero que feches meus olhos

Refletindo sobre tudo que fomos

Quero que o sol do fim de tarde

Onde folhas secas cobrem jazigos

Caia sobre o meu corpo

Quando eu morrer

Morrerá em ti toda a metade que compus em teu ser

Não haverá lágrimas

Nem chamas temporárias

Apenas folhas secas sobre o caixão

E o vento que dança com folhas secas no chão

Quebrando o silêncio

Eleva os teus olhos

Refletindo sobre tudo o que fomos.

**Lembrança de Morrer**

(Álvares de Azevedo)

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,

Que o espírito enlaça à dor vivente,

Não derramem por mim nem uma lágrima

Em pálpebra vivente

E nem desfolhem na matéria impura

A flor do vale que adormece o vento:

Não quero que uma nota de alegria

Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como quem deixa o tédio

Do deserto, o poento caminheiro

- Como as horas de um longo pesadelo

Que se desfaz ao dobre de um sineiro.

(...)

O poema sentimental dá ênfase aos sentimentos, mas de uma maneira equilibrada. Ele desperta a emoção do leitor, mas não sugere exagero. O sentimentaloide é desequilibrado, exagerado e traz uma sensação de desconforto ao leitor.

O limite entre o sentimental e o sentimentaloide é muito tênue. O poeta que cai no sentimentaloide deixa que o sentimentalismo tome conte da composição. O poeta precisa ter controle do que vai dizer das imagens que vai compor, para isso precisa ter conhecimento de técnicas, do uso de figuras de linguagem e recursos sonoros, que equilibram a mensagem.

Erótico e vulgar:

**Paixão**

(Kledir Ramil)

Amo tua voz e tua cor

E teu jeito de fazer amor

Revirando os olhos e o tapete

Suspirando em falsete

Coisas que eu não sei contar

Ser feliz é tudo que se quer

Ah! Esse maldito fecho éclair

De repente a gente rasga a roupa

E uma febre quase louca

Faz o corpo arrepiar

Falar sobre temas eróticos nem sempre é fácil, na maioria das vezes cai na vulgaridade, como nas letras de algumas músicas populares de hoje em dia. Note que na poesia de Kledir Ramil, o tema do sexo é trazido à tona, mas de uma maneira sutil, leve, que nos remete ao tema do desejo de forma bonita, simples.

Poema hermético:

O poema hermético é aquele que se fecha em si mesmo, consequentemente de difícil interpretação:

**Funções**

(Anônimo)

O pincel gasto

A vassoura no canto

Carregam a cruz

O sarcasmo triste

A semana e o mês

Embaraçam o cabelo

O tempo vil

No caminho verde

Encontra a fênix das cinzas.

A forma de um deus grego

O movimento da mandala

Trazem sentimentos.

Poema discursivo/explicativo:

**Poema dos meus sentimentos hoje**

(Anônimo)

Entrou na minha cabeça um sonho maldito

Mas sumiram as palavras

E dentro de mim gritei a esmo

Senti o que a boca da noite sentiu

Ao saber que nunca provaria o gosto do sol.

**Súplica ao sol**

(Anônimo)

Vem sol

Me faz consciente

Porque a consciência

Me ativa, me anima

Me faz amar

E traz a alegria de

Encontrar minha perfeição.

**Note**: os poemas usam muitos conectivos (conjunções, preposições), o que torna a poesia discursiva, explicativa. É como se um texto em prosa fosse recortado e disposto em “verso”.

* **Aspectos de criatividade**

Uso de neologismos

**Caso pluvioso**

(Carlos Drummond de Andrade)

A chuva irritava. Até que um dia

Descobri que maria é que chovia.

A chuva era maria. E cada pingo

De maria ensopava meu domingo.

E meus olhos molhando, me deixava

Como terra que a chuva lavra e lava.

Eu era todo barro, sem verdura...

maria, chuvosíssima criatura!

Ela chovia em mim, em cada gesto,

Pensamento, desejo, sono, e o resto.

(...)

Chuvadeira maria, chuvadonha.

Chuvinhenta, chuvil, pluvimedonha.

Eu lhe gritava: Para! E ela chovendo,

Poças d’água gelada ia tecendo.

O poema de Drummond traz uma série de neologismos, palavras não oficiais do vocabulário. A possibilidade de criação que a poesia permite é ilimitada.

Figuras de linguagem:

O poema de Drummond também pode ser exemplo de uso de figuras de linguagem dentro do processo criativo. As figuras de linguagem são muitas e nos permitem liberdade de criação. Elas se dividem em figuras de pensamento, de construção e de sonoridade.

Veja mais dois exemplos:

**A rosa de Hiroxima**

(Vinícius de Moraes)

Pensem nas crianças

Mudas telepáticas

Pensem nas meninas

Cegas inexatas

Pensem nas mulheres

Rotas alteradas

Pensem nas feridas

Como rosas cálidas

Mas oh não se esqueçam

Da roda da rosa

Da rosa de Hiroxima

A rosa hereditária

A rosa radiotiva

Estúpida inválida

A rosa com cirrose

A anti-rosa atômica

Sem cor sem perfume

Sem rosa sem nada.

**Língua**

(Caetano Veloso)

Gosto de sentir a minha língua roçar

A língua de Luís de Camões

Gosto de ser e estar

E quero me dedicar

E criar confusões de prosódias

E uma confusão de paródias

Que encurtem dores

E furtem cores de camaleões

Gosto do Pessoa na pessoa

Da rosa no Rosa

E sei que a poesia está para a prosa

Assim como o amor está para a amizade

E quem há de negar que esta língua é superior

“minha pátria é minha língua”

Fala mangueira!